

H. G. WELLS

A CON-
STRUÇÃO
DO MUNDO

1

H. G. WELLS

A CON-
STRUÇÃO
DO MUNDO

1

H. G. Wells

A Construção do Mundo I

SAGA Egmont

A Construção do Mundo I

Translated by Monteiro Lobato

Original title: *The Work, Wealth and Happiness of Mankind*

Original language: English

Os personagens e a linguagem usados nesta obra não refletem a opinião da editora. A obra é publicada enquanto documento histórico que descreve as percepções humanas vigentes no momento de sua escrita.

Cover image: Shutterstock

Copyright © 1931, 2021 SAGA Egmont

All rights reserved

ISBN: 9788726873290

1st ebook edition

Format: EPUB 3.0

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means without the prior written permission of the publisher, nor, be otherwise circulated in any form of binding or cover other than in which it is published and without a similar condition being imposed on the subsequent purchaser.

This work is republished as a historical document. It contains contemporary use of language.

www.sagaegmont.com

Saga Egmont - a part of Egmont, www.egmont.com

Introdução

O objeto desta obra e metodo a que obedece

§ 1. AS ATIVIDADES HUMANAS E SEUS MOTIVOS

Esta obra se propõe a ser um retrato da humanidade de hoje — um quadro da massa humana que trabalha, que gasta, que constroi e destroi. Existem, supomos, cerca de 1900 milhões de seres humanos. Todos respiram, comem, dormem e se empenham nas mais variadas atividades. Cooperam uns com os outros e vivem em conflitos uns com os outros. Morrem, mas são continuamente substituidos pelos que nascem. Procuramos nesta obra dar o quadro de todas as atividades humanas. E depois, á medida que o panorama se for desdobrando, proporemos respostas ás questões que naturalmente emergem do espetáculo. Que é que sustenta esta universal atividade? Por que vivem esses milhões de criaturas e como vivem? Quais as varias maneiras de vida, e quais os motivos que as determinam? É o que procuraremos expor e elucidar. Depois do “Como”, o “Por que?”

Um quadro assim não foi tentado nunca. E nem sequer seria possivel, antes da nossa era. Nem possivel nem util. Hoje, porém, não só se tornou possivel como indispensavel. Nunca, como hoje, foram mais intensas a necessidade e a ansia de conhecer o mundo como um todo. Essa necessidade e essa ansia nos sobrevieram de subito.

Grandes mudanças nas condições da vida se processaram nestes últimos cem anos. Se no passado alguém tentasse uma vistoria de todas as atividades humanas, tinha que cingir-se a uma grande obra geográfica apenas. Descreveria os países um por um, ilustrando e explicando suas diferenças de raças e costumes. Mas não é esse hoje o melhor método. E não o é em virtude da facilidade cada vez maior das comunicações humanas. No passado, os homens viviam num mosaico de pequenas comunidades, cada qual em quasi completa independencia das demais, com sua historia local, suas ideias gerais e suas morais. Hoje, porém, sentimo-nos de tal modo entrelaçados com o resto do mundo, que esses reduzidos quadros — mosaicos do pensamento e do saber — já não nos bastam.

A Geografia se tornou algo muito diverso do que era. Recebemos a cada instante noticias de povos outrora inacessíveis. Com eles negociamos, e não podemos prescindir dos seus produtos. E ainda podemos ajuda-los ou prejudica-los em grau inconcebível nos tempos do rei Jorge III. Para dar ideia do remoto da China, Goldsmith escreveu que se um chinês percesse cada vez em que na Inglaterra ou França fosse dado um tiro, ninguém o saberia — e se o soubesse não se incomodaria. Já não é assim hoje. E em consequencia desta “abolição da distancia”, o estado de equilibrio politico da humana população nos aparece com todas as suas falhas — é o que começamos a compreender. Nossos modos de negociar, de tratar a propriedade, de nos servirmos de outras pessoas e de manipularmos a nossa vida, passaram por toda sorte de deformações em consequencia dessa “mudança de escala” nos negocios humanos. E continuam a deformar-se sob nossos proprios olhos, exigindo de nós o maior esforço para apreender o processo em marcha.

Suponhamos, como imaginou Bernard Shaw, que um ser humano, em vez de vir ao mundo ao modo classico, surgisse de um ovo, já com vinte anos de idade, alerta e inteligente, mas ignorante de tudo. Sua atitude seria piscar diante do nosso caos e indagar: “Mas que faz tanta gente? Por que vivem uns em tamanha atividade e outros permanecem inativos? Por que uns trabalham na produção de coisas e outros nada fazem, ao que parece, senão consumir? Por que isto? Que se passa, afinal?”

§ 2. A EDUCAÇÃO NOVA

A revolução nos negocios humanos, a “mudança de escala”, operou-se tão rapidamente, e nos penetrou tão insensivelmente, que só agora começamos a compreender o que foi. Para muita gente a Guerra Mundial constituiu a primeira revelação de como os estados e imperios se comprimiam uns aos outros, e de como era impossivel evitar no todo os reflexos do acontecido nas partes. Se em Paris a moda das peles caia em desuso, tribus de indios no Labrador entravam a morrer de fome; não podendo vender suas peles, não podiam adquirir munição para a caça com a qual se alimentavam.

Só depois da Guerra Mundial começamos a apreender o novo estado de coisas, e a abandonar as velhas tradições que, com a “mudança de escala”, tão proximas estiveram de levar a humanidade á mina — e ainda persistem, com perigo de determinar catastrophe talvez maior.

Doze anos foram precisos para que a necessidade de abandono de tais ideias e tradições fosse compreendida e aceita por um numero apreciavel de pessoas. E com a persistencia da tensão internacional e do sofrimento das criaturas, esse numero está a crescer. Sentimos cada vez mais forte o desejo de romper com velhas e limitadas

interpretações que já foram uteis, mas hoje só nos levam a desastres, e corajosamente encarar a vida nos novos e formidáveis aspectos que ela apresenta.

Primeiro aqui, depois ali, foi-se difundindo a ideia de que para um novo tempo se fazia necessária uma nova educação do homem. Impossível conduzir um mundo já transformado, por meio das ideias senis dum mundo já extinto. E a nova educação não seria uma busca de novos métodos, sim a aplicação dos velhos métodos às coisas novas surgidas. O progresso educativo do ensino anterior á Guerra fóra considerável e podia continuar. Mas o descontentamento vinha com o que era ensinado, com o “educando”, com o sistema de ideias a respeito da vida em geral, com a *ideologia* (para usar uma palavra em moda entre os esquerdistas) formada em nossas escolas. Cessara a correspondencia entre essa ideologia e as realidades. A reforma das escolas fóra empreendida, mas as escolas só se formam muito lentamente e com o estímulo e apoio da opinião publica. Tornou-se assim inevitável que o anseio mundial por uma nova ideologia, isto é, um novo modo de nos encararmos a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia, se tornasse mais imperioso entre os que acabavam de deixar as escolas e sentiam a necessidade de ajustamento ás novas condições do mundo.

O primeiro impulso para a Educação Nova exigiu, antes de mais nada, uma nova visualização da Historia, porque nada reclamava tanto uma revisão como a Historia. E a Nova Historia tinha de ser uma revolta contra a “historia social, ou “nacional” ou “de periodos”. Tinha de ser a afirmação de que a Historia da Humanidade constitue um todo unico, e que só por meio da compreensão dessa unidade podemos formar juízo seguro do verdadeiro lugar do nosso país, ou da nossa cidade, ou da nossa aldeia no

mundo; e só com a aquisição desse juízo podemos orientar com sabedoria a nossa conduta política.

É tarefa dos especialistas dizer como se originou esse movimento e quais foram os seus pioneiros. Já de longo tempo dizia Lord Acton aos historiadores; “Cumpre-nos ter em vista o movimento das ideias, pois que as ideias não são o efeito e sim a causa dos acontecimentos históricos”. Nesse ponto nos achamos hoje. Os advogados da Nova História escrevem-na como um todo, porque desejam ver as instituições políticas se modificarem no sentido da unidade mundial; e só poderá ser assim se houver terreno preparado, isto é, a compreensão e a esperança da necessidade disso.

Mas a ideia da Educação Nova não se limita a um novo conceito da História. Exige mais que a simples compreensão da História como um processo. A História chega até à pré-história e daí passa insensivelmente para os campos da paleontologia. A Educação Nova exige não só a assimilação da Nova História, como ainda a de certas ideias biológicas que lentamente foram saindo dos laboratórios e cursos de biologia especializada. É a biologia que ilumina e esclarece a natureza e o funcionamento do cérebro donde saem as ideias diretoras da História. Vivemos num mundo pessimamente informado quanto a muitas das revelações que nos tem trazido a Biologia. Temos, pois, na Biologia um segundo fator da Educação Nova.

Um terceiro elemento ainda está menos desenvolvido que a História e a Biologia — e justamente o mais necessário para atender às perplexidades, exigências e conflitos de hoje. Afim de acentuar a importância desse elemento, ainda tão escasso mas indispensável a uma ideologia moderna, é que compusemos esta obra. Que elemento é esse? O econômico.

Acentuamos que a tentativa de elaboração duma ideologia moderna se vem processando sobretudo nos espiritos adolescentes ou adultos, fora das organizações educativas comuns. Ha, sem duvida, muitas escolas e muitos professores já atentos ás novas idéias, mas são professores e escolas de exceção. Que paradoxais estes nossos tempos! Só depois de sairmos da escola é que vamos ouvir falar da Nova Historia e das ideias biologicas indispensaveis á construção duma ideologia moderna. Só então começamos a ouvir falar de socialismo e comunismo, de questões monetarias e financeiras, de tarifas e de todo o emaranhamento da propriedade e do comercio. E apesar disso, tais assuntos constituem a substancia da vida moderna. E como é assim, temos, como pudermos, de suprir as deficiencias do ensino escolar e refugir á sua influencia antiquada e reacionaria. Entrementes, as mesmas escolas continuam a tomar nossos filhos e a embebe-los das mesmas velhas ideias.

Exemplo: enquanto o mundo adulto penosamente descobre que o nacionalismo agressivo é uma desastrosa obsessão, uma grande maioria de meninos continua a ser transformada nos mesmos ardentes pequeninos patriotas em que nos transformavam antes da Guerra Mundial. Chegam a ser treinados militarmente. Submetem-n'os á mesma disciplina dos exercitos, fazem-n'os agitar bandeiras, cantar canções militares, imbuirem-se da velha historia de tipo combativo, romantico, estreito. Talvez que isso não passe duma fase de transição. A' medida que as ideias modernas dos adultos inteligentes se tornarem mais lucidas, mais solidas e completas, aprenderão eles a distinguir com mais segurança entre o mestre tradicional e o mestre esclarecido, pois que as categorias coexistem lado a lado. E a preferencia irá para o mais esclarecido. Podemos nos revoltar contra o velho tipo do mestre-escola,

mas que ha de fazer ele, se é governado pela opinião publica? Se se tornar um mestre esclarecido, perderá o emprego. As primeiras batalhas da Educação Nova, preparatorias do Mundo Novo, têm pois que ser travadas na mentalidade dos adultos.

§ 3. A PROPOSITO DE ROGER BACON

A atual revolta contra o ensino estabelecido e os modos tradicionais de vida e direção dos negocios humanos, tem seus precedentes. Repetidamente, através da Historia, individuos ou grupos de inteligencia clara e alerta, empenharam-se na obra de mudar a *ideologia* do mundo. O primeiro e talvez o supremo esforço nesse sentido ocorreu na grande fase da Academia de Atenas; e outro tentamen foi observado no Renascimento, quando o escolasticismo chegou ao fim e brilhou a aurora da ciencia experimental.

A sistematização das ideias modernas pelos enciclopedistas franceses marcou a terceira fase da mesma revolta. Sobre esses grandes movimentos do espirito humano, essas fases verdadeiramente novas do pensamento, teremos ainda a dizer nos capitulos II e XV. Mas ha uma figura isolada na historia, excepcionalmente simpatica aos que se devotam ao trabalho da reconstrução da ideologia contemporanea: a figura de Roger Bacon no seculo XIII. Não marca, entretanto, uma mudança de direção nas ideias humanas. Roger Bacon falhou. A mudança só viria mais tarde. Bacon foi um precursor que anteviu o mundo moderno e fez revelações singularmente claras de como a humanidade poderia alcançar muitas das coisas que de fato depois alcançou. Foi o primeiro dos modernos; estava sete seculos adiante do seu tempo.

Grande a oposição que lhe moveram os homens, e no carcere, privado de recursos para escrever, passou ele os

seus últimos anos de vida. Mas até o fim, a despeito das perseguições, conservou-se um obediente filho da Igreja. Sua ideia dominante era dar espírito liberal á Igreja. Imaginou o Papa a conduzir a humanidade para a exploração e a pesquisa, para a força e a abundancia. Anteviu o mundo moderno em sua essencia, embora ainda o visse sob forma papal, mas não previu os seculos de desbarato e lutas, as mesquinhas guerras sem fim, os cismas da Igreja e o intrincado malfazer dos príncipes, as grandes pestes e a desordem social que iriam interporse. Não tomara a exata medida dos homens.

Não era ao sereno tipo do homem superior. Escrevia sem elegancia ou beleza. A visão de Roger só para ele tinha clareza. Ninguém mais o entendia. Não achavam significação em suas palavras. Dois seculos de intensa historia seguiram-se á sua morte — era de braguilhas e crucifixo, camara de torturas e “oubliettes”, ambição dos Plantagenets e Guerra das Rosas, levante de camponeses e fomes — uma era mais romantica do que feliz e culminada pelas epidemias que devastaram metade da população da Europa. A caveira tornou-se o motivo dominante nas artes decorativas. Quando, ao encerrar-se o seculo 16, Francis Bacon fez renascer a visão da Ciencia, a Igreja Catolica já se colocara na sua atual posição defensiva — e das esperanças de Roger só ficaram aqueles seus confusos manuscritos esquecidos de todos.

Seu nome conservou-se na historia, mas como o dum magico de lenda.

Engenhosos biografos têm procurado estabelecer uma certa continuidade entre as ideias de Roger e as de Gilbert, o amigo e instrutor de Francis Bacon. Se alguma coisa sobreveio por causa de Roger, bem pouco foi. Colombo o cita, mas de segunda mão. E’duvidoso que o papa tenha lido o que lhe pediu que escrevesse. Foi essa a grande

oportunidade de Roger Bacon. Clemente IV pedira-lhe que desse por escrito as suas ideias — e açodadamente, cheio de entusiasmo, Roger derramou-se numa *Opus Majus*, que enviou ao papa juntamente com uma *Opus Minus* já elaborada e outros trabalhos anteriores. Talvez Clemente IV jamais tenha posto os olhos em tais manuscritos — nem ele nem ninguém, salvo em trechos, e a coisa ficou assim até que valentes estudiosos modernos se entregassem á tarefa. Não ha na historia de Roger Bacon sequer o traço dum aliado, dum colega, dum discipulo. Nenhum grupo se formou em redor dele. Roger Bacon passou e sobre ele a corrente dos acontecimentos se fechou.

E, entretanto, o que tinha a dizer-nos parece hoje do mais elementar bom senso. Queria que os pretenciosos mestres de Latim daquela epoca queimassem as suas atrozes traduções, abandonassem os seus acanhados e fatigantes metodos, aprendessem o grego e experimentassem alcançar o que Aristoteles realmente tinha a dizer; queria que explorassem os tesouros científicos em lingua arabe e se voltassem dos livros para a observação; e que fizessem experiencias para a verificação dos seus dogmas. Visão e força havia de ser a recompensa. Roger anteviu a maquina a vapor, o automóvel, o aeroplano e muitas outras coisas modernas.

Mas não podia falar suficientemente claro e alto. Não possuía nenhuma dessas qualidades que subjugam os homens energicos e os arrastam á cooperação. Viu a oportunidade passar ao alcance de seu braço, mas faltou-lhe a força, ou a sutileza — ou a sorte de induzir qualquer dos seus contemporaneos á ação construtora. Dois seculos ainda passaria o homem sem tocar nas magicas alavancas do conhecimento científico — essa generosa benção.

E' talvez pelo seu torturante esforço, pela sua desesperada impaciencia e pelas suas enternecedoras

fraquezas que Roger Bacon tanto seduz aos que hoje batalham na, velha luta contra o conservantismo das instituições educativas e a lentidão do progresso daí resultante. No principio toda reforma educacional é uma subida de morro. E todos os reformadores queixam-se e desesperam. Ainda hoje combatemos os mesmos inimigos que Roger combateu, mas com maiores esperanças. Ainda combatemos, como dizia ele, o “injustificavel respeito pela Autoridade, pela, Rotina, pelo Preconceito Popular e pela falsa Presunção da nossa propria sabedoria”. Falsa Presunção, sim, porque ainda estamos começando a aprender. A velha tradição tem, necessariamente, todas as vantagens em tais conflitos; tem as vantagens da defensiva — fortifica-se nas melhores posições e no assentimento geral dos homens. Os reformadores não são muitas vezes criaturas de melhor qualidade que as que eles atacam. Estar inspirado pela intensa compreensão de uma necessidade não torna ninguém superior a antagonistas sem inspiração. E segundo os padrões aceitos, é inevitavel que os reformadores apareçam como homens falhos, ineducados, presumidos e perigosos. Roger Bacon tinha a aparencia e muitos dos defeitos do homem presunçoso. E muitos dos que hoje trabalham pela nova educação tambem temos um ar de presunçosa arrogancia que não corresponde á realidade. Daví e Jack o Matador de Gigantes devem ter sido homens presunçosos. O proprio Adão revelou uma certa arrogancia quando aceitou a tarefa de povoar a terra e inaugurar um mundo recém-creado.

Mas a analogia entre Roger Bacon e os que hoje trabalham por uma educação nova não deve ser levada muito longe. Porque Roger Bacon não tinha no mundo ninguém a apoia-lo a não ser um Papa que viveu pouco. E o reformador de hoje pode apelar, por cima da cabeça da autoridade estabelecida, para o *Homem São* em todo o

vasto mundo. Roger Bacon vivia na era da Autoridade e nós vivemos numa era democratica.

Os que nos vímos empenhados no desenvolvimento da educação nova tivemos, com efeito, muito que aprender. E, particularmente, tivemos de aprender que era possível apelar da autoridade escolastica para a autoridade do publico em geral. A principio dominou-nos a preocupação de seguir Roger Bacon e de lançar o nosso ataque diretamente contra a escola e os programas universitarios. Pusemo-nos a azucrinar superfatigados e constrangidos mestres que se recusavam a voltar-se para a nova aurora. Batemos ás portas de ministros e departamentos de educação e fomos oficialmente enxotados. Vendo com absoluta clareza o que havia a fazer, era-nos difiil admitir que com aquela gente não se desse a mesma coisa. ¹ E á vista de todas essas resistencias alguns de nós se consideraram novos Roger Bacons a clamar prematunmente por um mundo melhor e contra um empedernido obscurantismo; e a se deixarem cair, com tais lamurias, num auto-justificado desanimo. Não compreendiamos que hoje é por intermedio da educação do adulto, por meio do livro, que o definitivo movimento da organização educacional terá de ser realizado.

§ 4. A HISTORIA UNIVERSAL E A CIENCIA DA VIDA

A minha Historia Universal fornece um excelente exemplo do modo como se pode levar o leitor adulto a corrigir as deformações de visão produzidas pelo habito e a pratica escolares. Embora tenha logrado uma enorme saida, essa obra não foi planejada e escrita para o publico. Concebeu-a o autor como um simples livro didatico.

Foi o resultado de suas experiencias de propaganda durante a guerra e na fundação da “British League of

Nations Union". Tais experiencias convenceram-no de que a ideia da Liga das Nações poderia ser tudo ou nada para um indivíduo, conforme os seus preconceitos historicos. E mais. De que nenhuma reorganização eficiente dos negocios politicos humanos seria possivel enquanto a concepção da solidariedade humana não se estabelecesse com firmeza no espirito dos homens. O autor apresentou a completa dependencia entre as reações politicas dos homens e a visão da historia existente em seu espirito. Viu ainda que essas visões da historia variavam extraordinariamente de classe para classe, e ainda mais de país para país. Quasi todo o ensino da historia tem sido até hoje parcial ou partidario. E naquela epoca os homens vinham para a discussão da paz com as melhores intenções possivel, mas tambem com as ideias mais pervertidas possivel. Precisavamos, de um novo ensino da historia, a historia do surto do homem e de suas conquistas. A historia já não podia ser tratada como materia mais nacional do que universal; para que a obra de reorganização do mundo depois da guerra tivesse solidez, seria necessario que fosse erigida sobre uma base comum de historia universal, não nacional.

Nesta crença o autor não se encontrava isolado. Nem era de nenhum modo um precursor ou um pioneiro. Se aqui toma para ilustração a sua propria experiencia, é que a tem mais á mão, e a conhece melhor que outra qualquer — e tambem porque a indolencia e o egoismo o dispõem a isto. Nos Estados Unidos, mesmo antes da guerra, sob a influencia de, escritores como Breasted e Robinson, o ensino da historia como um todo já estava em marcha. Não havia, portanto, nenhuma originalidade na insistencia do autor pela urgent necessidade desse importante ajustamento educativo, e só depois de ter feito diversos apelos aos mestres é que se pôs a escrever a *Historia*

Universal. Seu fim era provar que a materia podia ser reduzida a um curso e tambem demonstrar o metodo de po-la como base ideologica dos novos tempos.

Ninguem, mais do que ele proprio, se espantou com a grande aceitação popular de sua obra. Foi dormir simples reformador educacional e acordou um acontecimento de livraria. Verificou que existia no mundo um imenso publico mal satisfeito com a historia aprendida nos colegios e ansioso exatamente pelo que a *Historia Universal* prometia ser — um legivel e explicito sumario da aventura humana. A venda do livro foi e continua a ser enorme. Mas não é só isso: o livro fez surgir diversas outras excelentes historias gerais populares, como, por exemplo, a de Van Loon. Foi traduzida na maior parte das linguas civilizadas. Incluindo as traduções, encontrou mais de três milhões de compradores, e continua. Em 1930 uma edição ao preço de um dolar alcançou a vendagem de 450.000 exemplares nos Estados Unidos. O autor tem por certo a sua vaidade, mas nada o convencerá de que esse imenso triunfo seja devido a qualquer merito excepcional na redação do livro. E' um livro feito de maneira facil e comum, que só vale pelo assunto. Mas foi por algum tempo o unico que satisfazia á necessidade de uma nova e mais ampla visão da aventura humana, apresentada com suficiente clareza e acessibilidade.

Ora, a descoberta que a *Historia Universal* fez desse vasto publico foi coisa muito surpreendente e importante para todos nós que tacteavamos no caminho da educação nova e da nova ideologia. Verificamos a existencia duma enorme multidão de espiritos alerta, famintos de uma visão mais ampla e fecunda do passado — do passado que fez o nosso presente. Em vez de entrarmos pelo caminho ingreme da escola, podíamos apelar diretamente para essa

grande camada de publico inteligente e depois, com esse imenso apoio, nos voltarmos para a reforma das escolas.

A visão da historia como um todo é, conforme já observamos, apenas parte de um sistema moderno de ideias. Natural, portanto, que com o primeiro triunfo pensassemos em suprir os dois outros principais fatores para uma completa ideologia moderna. Esses dois outros fatores são a biologia e a economia. A nossa *Historia Universal* apresenta a historia da origem do homem, de suas raças, suas tribus, comunidades, cidades, estados e imperios, de suas guerras e migrações, do desenvolvimento de suas artes e instrumentos, e da serie de acontecimentos que o trouxeram até á situação atual. Mas o relato do que sabemos quanto á natureza e possibilidades da vida — que coisa é a Vida e como funciona — e tambem a exposição dos motivos que mantêm os homens numa inquieta e dificil unidade, são indispensaveis para completar a visão do homem moderno.

O sucesso da *Historia Universal* dera ao autor uma vantagem peculiar e unica para o lançamento dos dois outros indispensaveis estudos. E assim entregou-se ele ao trabalho de produzi-los. Fe-los como pôde; a outros homens mais capazes e com mais ampla organização e recursos, cabe refaze-los mais lucida e completamente. O leitor não deve imaginar que temos ilusões sobre a qualidade e a permanencia do trabalho. A nossa *Historia Universal* servirá até que coisa melhor a substitua, e o mesmo se dará com o escorço da Biologia e este escorço da Economia que estamos apresentando agora. Assim que possam ser substituidos por obras mais lucidas e completas, a sua utilidade cessará.

O segundo trabalho feito foi o escorço da Biologia. Houve razões para dar ao livro o nome *Ciencia da Vida*. A base da educação do autor havia sido biologica e vivo

sempre foi o interesse que sentia pelo assunto, mas a massa de conhecimentos acumulados depois dos seus dias de estudante impunha-lhe a necessidade de alta assistência. Encontrou-a em seu amigo Julian Huxley, neto do grande Huxley e também em seu próprio filho, G. P. Wells. Juntos produziram os três um resumo do que o homem sabe a respeito do seu corpo e de sua mente, da origem e evolução da vida, do onímodo espetáculo das coisas vivas na terra e no mar, das principais tendências e correntes do pensamento psicológico e por fim da peculiar biologia da humanidade. A publicação da *Ciencia da Vida* coroou o trabalho de dois anos de ardua colaboração, e permitiu o empreendimento do mais difícil — este esforço de Economia, esta descrição popular do comércio e do trabalho, do toma-lá-dá-cá dessa estranha e singular espécie de criaturas que somos nós.

Tão embaraçante e pesada foi a tarefa, que é necessário esclarecer ao leitor quanto às dificuldades encontradas e quanto à forma que, depois de várias partidas em falso, a obra recebeu. Duas convenções — uma enciclopedia imaginária e um museu de referência — foram adotadas, e sem elas é difícil dizer como poderíamos ter escrito este sumário das atividades humanas. Por trás da *Ciencia da Vida* existiam museus, livros de texto, enciclopedias e coisas similares, facilitadoras da obra. Por trás deste resumo da ciência econômica também existem, por certo, alguns museus parciais, de que falaremos mais adiante e uma grande massa de material e de fatos não digeridos, não ainda reunidos em qualquer ordenação metódica. São coisas que apenas começam a surgir, de modo que tivemos de antecipá-las e proceder como se já existissem plenamente.

§ 5. A URGENTE NECESSIDADE DE SOLIDAS IDEIAS GERAIS SOBRE O TRABALHO E A RIQUEZA

Desses tres sistemas de conhecimento, basicos para uma ideologia moderna, o terceiro não é só o mais fugidio e dificil de organizar, como ainda o mais urgente e necessario. Desde a Grande Guerra que a inquietação economica do mundo se vem tornando mais e mais penosa e desesperadora. Comparadas á presente, as epocas passadas começam a assumir ares de idilica tranquilidade. Parece que antes do nosso tempo a vida do homem transcorria numa pacifica e imutavel segurança, desde o berço até o tumulto. Podia ser limitada, podia ser oprimida, mas era segura. O filho do camponês aprendia a espantar os passarinhos e a arar a terra, e crescia e arava, e cultivava o seu lote de terra até o fim da vida. O homem da cidade tinha o seu officio ou vivia de sua pequena loja, que em tempo devido passava ao filho. O advogado e o medico trabalhavam em suas profissões; a mulher de classe mais fina era amada e casava-se, e daí por diante vivia em plena felicidade na sua ronda de deveres domesticos. As estações traziam as colheitas, a caça, o Natal, o mês de Maio e o feliz “tempo bom”.

Na verdade as coisas nunca foram assim, mas quasi toda gente pensava que era assim. A roda da vida lhes parecia estar girando em perfeita ordem, de geração em geração; o filho fazia o que o pai fizera antes. A vida era uma caudal sem cachoeiras. Para alem das montanhs, ao longe, estaria talvez a aventura. Os homens partiam adolescentes e voltavam maduros, trazendo papagaios e caixas de charão para testemunhar a existencia de mundos diferentes do nosso, mas tão estaveis quanto o nosso.

Essa vida era compreensivel. O modo por que as suas poucas e simples partes se uniam era claro. Tudo á mão, tudo perto, desde o lançar da semente até o cozer do pão,

desde a tosquia da lã até o fabrico do vestuario. Havia os que mandavam e os que obedeciam, e para qualquer duvida a respeito do mundo lá estava o padre com a boa solução.

Mas hoje todos começamos a compreender que estamos vivendo num periodo de dissolução do que existia e que um novo sistema pode estar a gerar-se. Toda sorte de forças se acham em trabalho, desorganizando-nos, é verdade, mas com jeito de estarem a produzir alguma estranha e mais ampla organização social. Trabalhamos, e as coisas que fazemos são levadas para longe e não as vemos mais. As nossas ruas estão cheias de gente estranha que passa e cede o lugar a novas gentes. Grandes usinas se erguem nas nossas paisagens familiares, e não sabemos porque surgiram ou o que produzem. Compramos e consumimos alimentos exóticos. Tomam-nos como empregados e despedem-nos dos empregos; as coisas se tomam caras, ou baratas, ou inacessíveis, sem que possamos traçar as causas dessas flutuações. Tudo parece acima do nosso controle. Não podemos nem sequer descobrir quem, afinal de contas, controla as coisas. E alguém as controlara?

Os jornais dizem isto e aquilo. Perturbam-nos, alarmam-nos, contam-nos que milhões de homens são atirados fora do emprego. Ha abundancia, mas retida. Ha necessidade negra e miseria. E de repente nos vemos convocados a decidir entre políticos que pedem seja feito isto e politicos que pedem seja feito aquilo. Parece que nós, em nossa profusa multidão, somos chamados a tomar decisões. Sentimos que aquele imenso e emaranhado negocio é o nosso negocio. De varios modos, um tanto obscuros, atribuíram-nos a responsabilidade geral. Temos de votar.

Como, porém, votar se não compreendemos nada?

Haverá alguém, em qualquer parte da terra, que possua uma visão realmente compreensiva do processo economico

do mundo como um todo? Aparentemente, não. Pois apesar disso a decisão final de tudo cabe a nós, homens do comum. Seja qual fôr o controle que possa vir a ser exercido sobre o imenso e complexo tumulto mundial, será pelo nosso voto e com o nosso assentimento que ele virá a ser exercitado.

Quando o autor escreveu a sua *Historia Universal* estava a fazer para os outros o que de qualquer modo teria de fazer para si mesmo: reunindo todas as fases da historia em um só feixe de mutua relação, de modo que lhe fosse possível compreender os problemas internacionais surgidos depois da guerra.

E agora, nesta obra, é de novo um esforço semelhante que o autor está tentando. Não o faz somente por causa do leitor, mas para proveito de si mesmo. Experimenta reunir e selecionar, da infinidade de fatos do mundo que o rodeia, os cardeais e significativos, os que farão da massa total do trabalho, da produção e do consumo, um só e compreensível espetáculo. Está tentando uma escrita, um levantamento do mundo, um esquema ou mapa do que se está passando, que o habilite a dizer a qualquer pessoa: “Eis aqui o mundo inteiro do trabalho e da riqueza, do fazer, do adquirir e do gastar; e aqui, neste ponto, está o seu lugar, amigo leitor; aqui é onde você figura. O mapa não foi feito em escala muito grande e, conseqüentemente, você e sua esfera de atividade talvez não avultem devidamente, mas aqui e não em outra parte é que você se encontra. E, tanto quanto possível, vamos elucidar a razão porque você se acha neste ponto e porque faz isto ou aquilo e deseja fazer assim e assado... E adiante encontrará as razões por que deveria agir de um certo modo e também por que certas coisas são justificáveis e outras não. Esse mundo de mil atividades em que o leitor se ocupa é governado por certas leis, é obsecado por certos defeitos que talvez você possa ajudar a curar, é ameaçado por

certos perigos que você pode contribuir para evitar. Na realidade, estou experimentando fazer para mim e para você uma carta completa da vida econômica, não só para ajuda-lo a sair da confusão, como ainda para construir uma base comum sobre a qual nós dois possamos cooperar nesta grande experiência da vida — a aventura da humanidade.

Só então, em vez do nosso atual sentimento de desespero em face das ondas que varrem as nossas vidas, poderemos nos encontrar apetrechados de ideias comuns e de convicções comuns, e ainda com um plano de trabalho para uma campanha de estabilização e melhoramento do nosso estranho e movimentado mundo.

§ 6. DIFICULDADES E PROBLEMAS NA ELABORAÇÃO DESTA OBRA. MUSEUS DO PROGRESSO INDUSTRIAL. O ARTIFICIA DE UMA ENCICLOPEDIA IMAGINARIA

E agora apresentamos ao leitor uma rápida descrição das enormes dificuldades que surgiram e tiveram de ser ladeadas na elaboração deste trabalho.

A *Historia Universal* foi escrita por um único autor, e submetida a especialistas para verificação ou correção; foi, de modo geral, um resumo de material já digerido. Já a *Ciencia da Vida* obedeceu a métodos diversos; havia um imenso corpo de conhecimentos técnicos, e o trabalho pode processarse melhor com a colaboração de dois especialistas. A primeira ideia do autor sobre a terceira obra foi de que também devia ser feita de colaboração. Pensou em intitulala *Conquista da Força*. Pareceu-lhe que podia encarar todo o quadro como um esforço da humanidade para fugir ao peso do trabalho bruto por meio do desenvolvimento da máquina e da força mecânica. A

obra exporia o desenvolvimento da ciência e da invenção, e depois traçaria a transformação da vida quotidiana, as modificações de formas, de maneiras e métodos da vida quotidiana em virtude desta mudança da base económica. Dois colaboradores bem informados reuniriam o grosso do material e auxiliariam o trabalho de síntese.

Parecia laborioso, mas possível. Só depois que o projeto foi lançado e a primeira partida de “material” nos chegou às mãos é que se tornou aparente a profunda diferença entre este empreendimento e os anteriores. Só então compreendeu o autor como os nossos sistemas de produção, manufatura, crédito, moeda e comércio são meros produtos do costume. A massa de fatos não somente era muito maior, como não havia sofrido a digestão que observamos no material biológico. Nunca tinha sido examinado cientificamente. Sabemos muito mais das foraminíferas e dos girinos do que de muitas operações comerciais. O autor teve de penetrar com os seus colaboradores numa escura floresta de fatos, sobre os quais não existiam livros de texto nem museus completos. O esforço de busca, de exploração e de síntese exigido dos três homens era de molde a desanimar. O autor viu-se a empurrar os seus colaboradores para um matagal de fatos ainda não enfeixados em livros de texto e museus completos. O esforço de síntese era de molde a fazer dos colaboradores um embaraço. Seria muito mais fácil reunir material suficiente para nos asfixiar, mas deixando grande parte da floresta inexplorada. E nada aborrece tanto ao colaborador do que ser convidado a deitar fora o material recolhido ou a abandonar a empresa. E o autor não podia eximir-se de forçar os seus colaboradores a isso. Tentativas de resumo foram feitas, capítulos já completos foram destruídos, métodos de tratamento foram experimentados e abandonados antes que descobrissemos o bom caminho.

O começo d'*A Conquista da Força* apresentou-se como uma volumosa massa de fatos cada vez maior. A grande coisa era o digeri-la. E á vista da facilidade de agregação comparada á dificuldade de síntese, qualquer grupo de colaboradores se veria levado, lenta, mas seguramente, á redação de uma enciclopedia. Isso tomaria anos de trabalho e poderia não chegar nunca ao fim.

Depois, quando se foi tornando claro que o desenvolvimento da vida economica significava muito mais que a simples introdução no mundo da maquina e da força mecanica, o projetado titulo da obra foi alterado para *Ciencia do Trabalho e da Riqueza*.

Uma serie sempre crescente de desenvolvimentos industriaes foi esboçada. Mas se fossemos narrar a historia do vapor desde o engenho de Hero até a ultima turbina, e traçar o desenvolvimento da metalurgia de cada metal, e expor o romance do desenvolvimento da eletricidade e da utilização do carvão, com planos, diagramas, fotografias de velhos e modernos gasogenios e escrever a historia da borracha silvestre e cultivada, e por aí alem, interminavelmente, o que realizariamos seria apenas uma enciclopedia tecnica. Teriamos reduzido a livro o que o Museu de Ciencia de South Kensington e o Museu Alemão de Munich se propuseram a fazer. E como é de nove milhas a jornada de quem percorre as galerias do Museu Alemão, a nossa empresa começou a parecernos excessiva.

E tudo não seria senão a primeira parte do projeto da *Ciencia do Trabalho e da Riqueza*. Um tal balanço de materiais, minas, fundições, fabricas, motores e maquinas, constituiria apenas a moldura do nosso empreendimento. No que dissesse respeito a essa parte do trabalho, bastaria que nos sentassemos no Museu Alemão com cadernos de notas e camaras fotograficas para transforma-lo em livro. Mas grandes campos de atividade ainda ficariam intactos.

O Museu técnico nos poderia, por exemplo, levar até ao “tecido”; mas acompanhar o tecido até á moda, passando pelo criador de modelos, pela costureira e pela loja, importaria em percorrer um campo novo e praticamente inexplorado. As imensas atividades da distribuição, da venda, do anuncio, as flutuações da moda, tudo cabia dentro do nosso projeto, sem que houvesse nenhum Museu Alemão para ajudar-nos. O departamento antropológico teria ainda de reunir as coleções parciais acaso feitas até agora. E quando chegassemos ao problema do abastecimento humano, á moderna distribuição do alimento, ás novas ideias que vão se incorporando á casa de hoje, á industria dos hotéis, ao turismo, encontrariamos o material ainda desesperadoramente disperso. E outras grandes áreas de interesse se extendiam além — o envelope do salario e o escritorio, o emprestimo rural e o banco, o financeiro e a alfandega. Na alfandega havia bandeiras nacionais e homens fardados... E depois de tudo isso, a indagação do por que de tudo isso.

Em face dessa caotica multiplicidade, a projetada colaboração caiu por terra. Não era o sistema adequado. E como fazer, então? Não fatigarei o leitor com as minucias do problema. A primeira coisa era reduzir o colossal projeto a dimensões manuseveis. A coisa crescera tanto que se transformara no esquema de uma enciclopedia, e mesmo assim sobravam terras por explorar. Estava além das possibilidades de realização, mas eu sentia ali uma certa forma. Aquilo não era apenas um simples monte caotico de material.

E se preparassemos um esquema do projeto, uma sinopse tão detalhada quanto possivel? Essa sinopse poderia ser impressa e posta em circulação. Apresentaria pelo menos um quadro de idéias essenciais e talvez permitisse a reorganização do empreendimento em linhas

de uma colaboração múltipla. E não produziria por certo a *Ciencia do Trabalho e da Riqueza*, mas um germem apto, se os deuses quisessem, a crescer em uma *Ciencia do Trabalho e da Riqueza*. Poderia ser publicada como, digamos, “*O Trabalho e a Riqueza — Projeto de Revista da Vida Economica do Mundo*”.

Foi esta a primeira fase da nova orientação do projeto. Julguei que aquela sinopse fosse tudo quanto eu pudesse fazer no momento. Algo provisório e elaborado de tal modo que, depois, outras mãos o pudessem retomar e continuar. Uma espécie de croquis a lapis para um futuro quadro. Esboçar as ideias principais e antecipar as discussões da obra em vista. Uma previsão — mas uma previsão substancial, muito mais profunda que um simples memorandum...

E com tais ideias lancei-me ao trabalho. Mas á medida que o trabalho avançava eu via, cada vez mais claro, que não estava escrevendo uma sinopse e sim um livro. Estava fazendo o que pretendia, e de um modo mais espontâneo, mais atrativo e de todo em todo mais conveniente. Não era mais aquela enciclopedia vastissima e minuciosa, *Ciencia do Trabalho e da Riqueza*, que eu a principio achara tão sedutora e depois achei tão opressiva — mas a essencia dessa obra. Mudei o titulo. Dei-lhe o titulo de *O Como e o Porque do Trabalho e da Riqueza*, para tornar evidente aos meus proprios olhos o fato de estar escrevendo qualquer coisa de mais vigoroso e menos pesado que o projeto original. Trataria da industria, mas não da tecnologia; de finança, mas não de contabilidade e estatistica. Os motivos e os rumos seriam a substancia primaria; o detalhe viria á guisa de ilustração. Esse titulo serviu para manter o objetivo diante de meus olhos, mas gradualmente, á medida que a obra se foi aproximando do fim, pareceu-me mais espetacular que adequado — e a obra foi finalmente

crismada como *O Trabalho, a Riqueza e a Felicidade da Humanidade*.

A fixação deste ultimo titulo foi extremamente dificil. Queriamos um titulo descritivo, expressivo e atraente. Que falasse qualquer coisa ao leitor. Que não promettesse demasiado e não o amedrontasse. Um titulo que anunciasse uma visão mais simpatica do mundo, antes ampla e larga do que alta. Diversas sugestões foram examinadas. A nota abaixo é uma especie de cemiterio onde os titulos condenados se exibem para a veneração do leitor. (2) Todos esses titulos ajudam a mostrar o objetivo da obra. Não é ela agora nem uma sinopse, nem a imaginada enciclopedia, mas um verdadeiro sumario, uma apresentação mental e material da especie humana. Pode ser lido de principio a fim. Mas a projetada enciclopedia nunca poderia ser lida da primeira á ultima pagina, porque nessas questões só os largos problemas nos interessam e os detalhes tecnicos de maquinas, pesquisas, processos industriais, mineração, agricultura e outras coisas dessa natureza depressa se tornam fatigantes para os não interessados, exceto se ilustram principios gerais. Todos achamos um certo prazer em observar o trabalho em marcha, mas quasi todos nos aborrecemos se no-lo explicam de modo muito completo.

Quem me fez sentir a necessidade da limitação do detalhe foi um amigo que levei a visitar o Museu de Ciencia de South Kensington. Gastamos uma hora ou pouco mais observando o desenvolvimento da maquina a vapor; passamos depois á historia do navio. Em seguida, á evolução da ciencia optica. Nesse ponto meu amigo principiou a mostrar sinais de fadiga mental. Subimos então á parte central do ultimo andar, de onde se descortina o panorama de todos os andares e galerias. “Isto é fascinante”, disse o meu amigo, “mas não lembra a

leitura de uma historia ou novela. Não nos conduz de um começo a um fim. Vejo uma multidão de caminhos entrelaçados. Cada qual diferente, mas todos seguindo o mesmo rumo. Gostaria agora que me dissesse o que tudo isto é; que me levasse para esta ou aquela exposição afim de ilustrar um ou outro ponto, mas de modo geral não posso observar todo este mundo de coisas. Eu gostaria de saber o que isto é. Gostaria de saber o que é aqui o principal. Mas ninguém de juizo perfeito quererá explorar todas estas galerias, do mesmo modo que ninguém sonha ler do começo ao fim uma enciclopedia. Este material aqui é um material de referencia. “Faça-me uma sintese — diga o que isto é”

A sabedoria desta observação impressionou-me ainda mais profundamente em Munich, ao fazer a minha peregrinação de nove milhas pelo Museu Alemão. Compreendi que o bom era percorrer uma centena de metros de cada secção e depois passar adiante, aceitando sem exame o resto e abençoando a sabedoria e operosidade dos organizadores do museu. São coisas quê têm de ser feitas — mas não faz parte da “nova educação” infligi-las em massa sobre cada um. O que a nova educação tem de dar a cada um de nós é uma concepção da larga corrente do desenvolvimento mental e o proposito com que todas essas coisas são conduzidas. Que cada um se especialize depois na, secção que mais lhe agrada.

Este livro é sobretudo experimental. Tem todos os defeitos da *Historia Universal* e mais alguns, porque é menos que uma compilação. É mais leve e ainda mais provisório. Também não exhibe as “certezas” da *Ciencia da Vida*. Mas as suas pretensões são enormes — que ninguém se engane a este respeito. Apresenta todos os motivos e atividades comuns da humanidade — todos e nada menos. É o primeiro sumario compreensivo de toda a humanidade,